

Journal do Domingo

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros 2,500 réis
Semestre ou 26 numeros 1,500
Trimestre ou 13 700
Avulso 60

— ANNO I — 29 DE JANEIRO DE 1882 — N.º 50 —

GERENTE-PROPRISTARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros 7,500 réis
Semestre ou 26 numeros 4,500
Trimestre ou 13 2,500
Avulso 200

SUMMARY

GRAVURAS:—O atlier no convento, Piccola; Piccolo; A jangada.

TEXTOS:— Actualidades, por Tekel; As nossas gravuras; Domingo historico, por A. O.; Scenas da vida americana, por Alfredo de Brechat; Horas d'ocio; Rosicler, por Guerra Junqueiro; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia.

ACTUALIDADES

Continua ainda a discutir-se muito o que os correspondentes dos jornaes hespanhoes escreveram para Madrid a nosso respeito.

Pelo que vimos — pouco foi — parece-nos que não.

Querer que um jornalista, pelo facto de estar em Lisboa, pelo facto de ser obsequiado pelos seus collegas, de comer um ou dois jantares, de dar um pas-

Entre os correspondentes hespanhoes conta-se um que viu chover torrencialmente. Não me parece que esta injuria feita ao janeiro de 82, o mais secco dos janeiros de que ha memoria, esteja pedindo anathemas contra o seu auctor.



X. K. RENTAMOL.

O ATELIER NO CONVENTO

Não temos podido seguir a leitura dos periodicos madrilenos, e é-nos por isso impossivel saber se os ditos correspondentes excederam os limites da justa critica.

seio pelo Tejo, e de ver um fogo de artificio, sseja um Pangloss, parece-nos inadmissivel.

Dir-se-hia que os obsequiavamos para lhes: pescar elogios.

O sr. Mencheta escreveu que parte da cavallaria portugueza montava em mulas.

Elle não estava bem certo, — mas palpitava-lhe ser assim.

Que diabo! Se todos os palpites fossem certos, — iam todas as bancas á gloria!

Felizmente não são: felizmente para os banqueiros, — e para a cavallaria portugueza!

O caso porém é que estes pequenos nada — ignore, como já disse, muita coisa que se escreveu — levaram o collaborador de um periodico, o *Jornal da Noite*, a lavrar um *Protesto*, que terminava atirando o dito collaborador 1640 aos hespanhoes.

Este collaborador é, de certo, homem endinheirado. Nem de outro modo se pôde admittir esta resolução tomada por elle de atirar 1640 a cada hespanhol que lhe dirija uma graça ou uma chufa.

Comigo, — affianço-lhes senhores hespanhoes, — perdem o tempo. Ainda que digam que a nossa cavallaria monta em gatos, ainda que insinuem malevolamente que os ditos gatos são preparados, não me apanham mil seiscentos e quarenta!

Espere por essa, sr. Mancheta! Diga o que quiser, sr. Mancheta, — eu, — nem cheta!

A verdade, porém, é que em toda esta scena anda envolvida mademoiselle Politica.

Alguns d'esses correspondentes, adversos ao partido que tem por chefe o sr. Sagasta, procuram por todos os meios fazer acreditar que a occasião escolhida para os reis de Hespanha visitarem Portugal, foi um erro politico, do qual, bem entendido, é responsavel o partido progressista do visinho reino.

D'aqui o dizer-se que D. Alfonso e sua esposa foram recebidos pelo povo com a maior frieza, que Lisboa foi uma verdadeira cidade de marmore e de granito para com os seus illustres hospedes, etc.

Breve, — perdoe-se-me este adoravel galicismo — a imprensa hespanhola está fazendo o que fez a imprensa portugueza por occasião da visita de Caceres, e o que em geral fazem todas as imprensas obedecendo a este principio politico: — contra os adversarios não perder pitada.

E aqui está em poucas palavras a razão d'essa cealeuma que por ahi vae. Se é que ainda vae.

* *

Tiradas estas discussões estereis da visita dos reis de Hespanha, resta apenas a alguns, — a memoria dos casacos que levaram ao baile da casa dos bicos n.º 2 — como lhe chamou espirituosamente não me lembro agora que jornal.

Este caso dos casacos, faz lembrar-me, não sei porque, uma engraçada historietta das *Scenas da vida bohemie*, de Henry Murger.

Uma vez os bohemios deram um baile: nos convites redigidos com todas as regras da mais escrupulosa etiqueta lia-se este *Nota Bene*: — *Pede-se aos srs. convidados que não roubem os côtos de stearina.*

D'aqui em diante, quando houver baile elegante, não será talvez mau ler-se no convite: — *Pede-se aos senhores convidados que não roubem os casacos.*

Com o que todos lucrarão, — excepto os que tiverem casacos velhos.

* *

A camara dos senhores deputados até hoje pouco tem dado que fallar de si. Tem estado d'uma cordura perfeitamente fóra das boas praxes constitucionaes. Nem um murro ainda sobre uma carteira! Decididamente a carta precisa reformada! A não ser, que todo este socorro, toda esta quietação, seja o que em boa linguagem de artigo de fundo se costu-

ma chamar — a tranquillidade precursora das grandes tempestades!..

Naturalmente é isso. Que o seja para gaudio das galerias e honra das instituições que felizmente nos regem.

* *

Desconfio que tinha uma tal ou qual obrigação de lhes fallar na *Exposição retrospectiva*, mais conhecida geralmente pelo nome de *Exposição de arte ornamental*. E' possível que me corresse esse dever, quem sabe, se o mais sagrado dos deveres? — mas, sagrado ou profano, não o cumpri. Isto, pela mais estravagante de todas as razões... por que ainda lá não fui.

Bem sei que não chega a ser uma rasão. Hoje que se falla de um livro sem sequer o abrir, que se faz a critica de uma peça sem nunca a ter visto, que se recommenda um xarope sem nunca o ter provado, eu podia muito bem, a proposito da exposição, encher seis linguados alargados de citações eruditas que me dariam muito credito entre os sabios do paiz.

Citar na nossa terra é meio caminho para a immortalidade. Ha até muita gente que não vive de outra coisa senão de citações... Os officiaes de diligencias, — por exemplo. (Desculpe leitor).

* *

Deveria também fallar-lhes da *Revista do anno* — *O Antonio Maria*. Infelizmente também a não a vi. Mas agora reparo. D'esta *Revista* não preciso eu fallar. A estas horas já todos os leitores do *Jornal do Domingo* a viram e applaudiram.

Até agora se recordaram d'aquelle delicioso dito do 2.º quadro... da nau do Estado, que faz rhetorica todos os lados...

THEKEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

O «ATELIER» DO CONVENTO. — É necessario ser-se imparcial. Demos um dia d'estes a copia d'um quadro que representava um frade na adegua do convento, damos hoje a copia de outro que representa um monge a reproduzir na tela a figura ideal da mãe de Deus. N'aquelles microcosmos, que se chamavam conventos, havia as mesmas variedades que se encontravam cá fóra no mundo profano, desde os que se occupavam com zelo da florescencia da carne até aos que purificavam por todos os modos o espirito. Havia o dispenheiro e o pintor, o refeiteiro e o erudito, o que conversava a miudo com as garrafas do bom canto da adegua e o que conversava com os alfarrabios da bibliotheca, o que engordava no goso pleno das delicias da carne e o que emmagrecia devorado pela sede ignota dos grandes ideaes, o frade espesso do conto e o monge arsetico da lenda, o heroe de Balzac e o heroe de George Sand, o frade dos *Contes drôlatiques* e o monge extático do *Sindion*, fr. Tonal e fr. Angelico. E na solidão tudo se exaltava, tudo se requintava, a orgia e o extasi, o peccado e a virtude, a gula e o ascetismo, a impudencia e a austeridade, e, assim como saiam do claustro os mais perniciosos exemplos, de lá se exhalava também o mais ideal perfume, e onde reinava a mais torpe sensualidade e a mais crassa ignorancia brotavam também as mais sublimes obras

primas da arte christã, e elaboravam-se as mais vastas produções da erudição humana.

A pintura deve sobretudo aos cenobitas algumas das suas joias mais puras e ineffaveis. Na solidão, dizia a legenda do Monte-Cassino, Deus falla ao coração do homem; na solidão o homem falla ao coração de Deus. Na solidão do mosteiro esses pintores asceticos recebiam como que a revelação divina da arte, e encontravam para animar as feições da Virgem essa idealidade sublime, que o proprio Raphael nunca mais encontrou desde que baixou dos pincares religiosos de Umbria para o meio profano de Roma, desde que passou por entre os seus olhos a Virgem das visões asceticas, o rosto ardente da Fornarina.

O frade pintor, que a nossa gravura representa, pertence sem duvida alguma a essa escola ascetica A Virgem, que está brotando na tela debaixo do seu pincel, e que elle contempla com a satisfação do artista que se approxima do seu ideal, essa Virgem é verdadeiramente a imagem christã, suave, mystica, purissima que apparecia em noites de febre a esses monges macerados pelo jejum, e exaltados pelas vigílias. E entretanto lá em baixo talvez no refeitorio, os collegas do pintor acariciam o bojo d'essa *dios botella*, tão preciosamente resguardado — que o dispenheiro da gravura do outro dia com tanto cuidado inundava de perfumado licor. Tocavam-se os extremos, como dissemos, n'esses asylos religiosos, e encontrava-se a par do que ha de mais sublime nas aspirações do espirito o que ha de mais baixo nos appetites carnaes.

PICCOLO E PICCOLA. — Estás ainda zangada, minha querida Piccola? perguntava uma mulher nova e bonita, que vestia o traço elegantissimo das pescadoras venezianas a uma encantadora criancinha, cujos negros e fartos cabellos cahiam em gentis anneis sobre um rostinho delicioso, mas assombrado n'esse momento por um accesso de colera infantil.

Piccola ficou silenciosa; ainda lhe não passára portanto o mau humor.

E de saber que Piccola e o seu pequeno visinho Piccolo tinham vivido até então ligados por uma amizade que datava do berço. Todos as manhãs sahiam juntos a admirar os raios de sol que brincavam nas vagas do Adriatico, e a seguir com os olhos na praça de S. Marcos os alvos hombros que iam sumir-se no puro azul do céu. Passavam o dia na praia, juntando no chapéu do pequeno Piccolo os busios polidos e as conchas que o mar atirava para a areia. E, quando a gondola do pai desaparecia levando a bordo algum viajante, acompanhava-a o canto das duas crianças, e as suas vozes frescas e puras confundiam-se com o murmurio das ondas.

Mas agora foram-se esses bellos dias; Piccolo e Piccola estão inimigos! Não chegaram a um accordo n'uma brincadeira qualquer, e cada um se retirou para o seu lado, jurando que não tornariam a olhar um para o outro.

Passam os dias; nem Piccolo, nem Piccola apparecem, esta afinal resolve-se a ir sósinha á beira da agua apanhar conchinhas. Esperava encontrar o companheiro dos seus brinquedos, lá estava effectivamente, mas acompanhado de um novo amiguinho, a quem cantava uma canção que Piccola nunca lhe ouvira.

Ao ver isto, a pequena veneziana apertou os alvos dentinhos, puxou as tranças para os olhos, lagrimas como panhos lhe rolaram pelas faces, e voltou enfim para a sua cabana.

— Quero fazer as pazes com elle, exclamou a criança lançando-se nos braços de sua mãe, que, rindo a

bom rir, lhe enxugava as lagrimas, levantava-lhe as tranças, e, pondo-lhe ao pescoço um fio de coral, lhe aconselhava que fosse ter com Piccolo.

Passando pelo jardim, Piccola colheu um ramalhete que destinava para Piccolo, se elle consentisse em assignar o tratado de paz.

A nossa gravura representa Piccolo, que se prepara para fazer uso da grande colher que empunha com a mãozinha trigueira, quando, ao voltar-se ouve um ligeiro ruído á porta da choupana...

Era Piccola!

Ao vê-la, abaixa os olhos com um modo meio confuso, meio zangado, mas, apenas ouve as palavras «Paz as pazes», levanta depressa os lindos olhos, sorri-se como se sorria d'antes... Piccola estende-lhe as suas flores, as duas crianças abraçam-se, tudo se esquece; dão as mãos um ao outro, e voltam a brincar á praia.

Esta encantadora scenasiua ficaria desconhecida, se um pintor não tivesse presenciado pela fenda de uma porta, e não tivesse guardado na sua carteira um esboço do que vira.

A JANGADA.—A nossa gravura é uma das que illustam o ultimo romance de Julio Verne, que está sendo traduzido em portuguez e publicado pelo sr. David Corazzi, e á amabilidade do editor portuguez devemos o poder dar aos nossos leitores este specimen d'esse magnifico volume, que vai brevemente ser posto á venda.

Julio Verne é um escriptor que conquistou um lugar á parte na numerosa legião dos romancistas contemporaneos. Está sendo o Alexandre Dumas do nosso tempo. Assim como o immortal auctor dos *Tres Mosqueteiros* aproveitou o immenso desenvolvimento que tomaram de subito no seu tempo os estudos historicos, para explorar com a sua phantasia esse mundo do passado, que os grandes investigadores traziam á luz da critica moderna, assim Julio Verne aproveitou o immenso desenvolvimento da sciencia actual para explorar com a sua phantasia esse mundo do futuro, que se vai approximando cada vez mais dos nossos olhos, porque a prodigiosa Casa a vapor, e a viagem de vinte mil leguas por baixo do mar, e a digressão á lua, já hoje começam a parecer menos os sonhos de um phantasiasta do que as previsões de um vidente.

A sciencia nas mãos de Julio Verne é um elemento admiravel de divertimento. Em cada facto scientifico encontra Julio Verne uma peripecia. Na *Viagem á roda do mundo em oitenta dias*, Phileas Fogg tem quasi perdido a sua aposta. Fez a viagem não em oitenta dias, mas em oitenta e um. Chega a Londres atterrado, afflicto; mas sem o saber, sem ter consciencia d'isso, a differença das longitudes foi-lhe dando successivamente horas e horas a mais, e andando á roda do mundo ganhou afinal um dia. Gastará oitenta dias quando suppozera ter gasto oitenta e um, e assim a differença das longitudes deu a Julio Verne um desenlace.

Da mesma forma que Dumas enche com a sua phantasia as lacunas da historia, Verne enche com a sua phantasia as lacunas da sciencia, e assim esse grande contista tem sabido arrancar da sciencia todos os contos de fadas que ella encerra, como Dumas soube arrancar da historia todos os dramas que ella contém.

Os vehiculos de Julio Verne é que estão sendo de uma originalidade pasmosa. Um dos seus heroes viaja no projectil de um canhão monstro, outro n'um elephante de ferro, este n'um fragmento arrancado ao nosso planeta pelo encontro de um co-

meta, aquelle n'uma jangada prodigiosa. E o leitor acompanha esses extraordinarios viajantes com entusiasmo, divertido, encantado, quer elles subam nos balões que para os heroes de Julio Verne como que representam apenas as roneiras diligencias, quer elles desçam tranquillamente ao fundo dos mares ou á cratera dos vulcões.

O publico portuguez, como todos os publicos europeus, tem acolhido com verdadeiro entusiasmo a obra vasta e original de Julio Verne, e o sr. Corazzi colheu o melhor resultado da sua tentatiua audaciosa. As *Viagens maravilhosas* apparecem em Portugal na mesmas condições exactamente em que se publicam em França, com as mesmas esplendidas gravuras, com o mesmo luxo de impressão, e traduzidas em bom e correcto portuguez pelos escriptores que d'essa missão se tem encarregado. A *Jangada* é a ultima obra de Verne, ultima no sentido de se não ter publicado ainda outra, porque Julio Verne, que esteve em Portugal ha tres ou quatro annos, está verde e robusto, e parece muito pouco disposto a pôr a palavra «fim» nas suas obras e na sua vida.

P. C.

O DOMINGO HISTORICO

29 de janeiro de 1823.—Decreto que contém varias disposições para honrar a memoria de Manoel Fernandes Thomaz

Entre os homens illustres que viveram em Portugal no primeiro quartel d'este século, occupa um lugar eminente o juriconsulto Manoel Fernandes Thomaz. Tendo com José Ferreira Borges e José da Silva Carvalho fundado na cidade do Porto o synhedrio ou associação politica que preparou, dirigiu e levou a cabo a revolução de 24 d'agosto de 1820, foi membro da junta provisional do supremo governo do reino e deputado a côrtes constituintes, que se reuniram a 26 de janeiro do anno seguinte.

N'esse congresso em que se mostrou distincto orador trabalhou activamente Fernandes Thomaz até ao ultimo dia da sessão a 4 de novembro de 1822, mas o excesso de trabalho n'esses mezes aggravou-lhe os padecimentos de que já soffria, e a 19 d'esse mez espirava na sua casa da rua do Caldeira o homem que talvez mais do que nenhum outro concorreu para o triumpho da causa liberal.

A noticia da morte de Fernandes Thomaz causou profunda impressão em todo o paiz e as côrtes ordinarias querendo commemorar os serviços prestados por esse illustre cidadão decretaram:

1.º Em honra do regenerador da patria Manoel Fernandes Thomaz se farão exequias solemnes mas sem ostentação.

2.º Os restos d'aquelle benemerito cidadão serão depositados em um monumento simples, no qual se lavre o seguinte epitaphio.—A NAÇÃO PORTUGUEZA A MANOEL FERNANDES THOMAZ — ANNO 1823.

3.º A viuva do illustre varão Fernandes Thomaz, D. Maria Maxima Fernandes da Cruz, se dará a pensão annual e vitalicia de um conto de réis, e a cada um dos seus dois filhos, Roque Joaquim Fernandes Thomaz e Manoel Joaquim Fernandes Thomaz, se dará a pensão tambem annual e vitalicia de 3000\$000 réis.

4.º Todas as referidas despezas e quantias serão satisfeitas pelo thesouro nacional.

Este decreto, votado pelas côrtes, foi sancionado por D. João VI a 20 de janeiro de 1823; mas ed'ahi poucos mezes restabelecia-se entre nós os systemas absolutos e por isso os restos de Manoel Fernandes

Thomaz continuaram na igreja de Santa Catharina esperando debalde que a patria pagasse essa divida sagrada.

Posteriormente as cinzas do grande liberal foram levadas para a igreja dos Paulistas e por ultimo depositadas a 27 de dezembro de 1862 n'um jazigo que seu filho lhe mandou erigir no cemiterio dos Prazeres.

A. O.

SCENAS DA VIDA AMERICANA

CARMEN E JUANITO

POR

ALFREDO DE BREHAT

Versão portugueza

DE

JULIO DE MAGALHÃES

(Continuado do numero antecedente)

Os dois noivos acabavam de entrar na povoação. Celebrava-se n'aquelle dia a festa de um qua'quer santo, e toda a população de Chagres havia vestido o seu trajo domingueiro. Ao passo que os Yankees da margem esquerda se achavam installados nos *bar-rooms* (tabernas), os descendentes dos primeiros conquistadores da America entregavam-se ao prazer da dança, do jogo, ou da *pelea* (combate) de gallos.

Na occasião em que passavam junto de uma *posada*, Juanito e Carmen avistaram uns quarenta ou cinquenta homens, que se achavam agrupados em volta de uma grande meza, collocada no meio de um pateo interior, sobre a qual dois gallos se arremessavam furiosamente um contra o outro em um combate encarnigado, de cujo resultado estavam dependentes consideraveis apostas.

Na sua qualidade de mexicano, Juanito não podia deixar de entrar no pateo para gozar aquella diversão eminentemente nacional.

Difficilmente pôde calcular-se quão grande é a animação, que reina entre os espectadores de uma *pelea* de gallos. Só quem tiver já assistido ás corridas de cavallos em Inglaterra pôde fazer uma ideia aproximada da agitação dos jogadores interessados nas apostas, dos seus gritos de entusiasmo ou de colera, e do tumulto que se segue a cada incidente mais ou menos decisivo do combate. Tremulos de esperança e ao mesmo tempo de receio os espectadores seguem com a mais ardente attenção todos os movimentos do gallo, por que se interessam. Um observador habituado áquella especie de espectáculo, embora não veja os dois emplumados gladiadores, pôde adivinhar todos os detalhes da lucta só pelo estudo das physionomias dos apostadores. De espaço a espaço, quando um dos dois combatentes consegue uma victoria decisiva, elevam-se nos ares clamores infernaes, formados pelas maldições dos que perderam, e pelas jubilosas exclamações dos vencedores. Ao passo que os partidarios do luctador vencido lançam sobre este os mais injuriosos insultos, os contrarios bendizem o campeão triumphante, que passa de mão em mão para receber caricias e provas de entusiastica sympathia. Ao lado da meza achavam-se grandes bancos, formados por compridas pranchas de madeira, assentes sobre poiaes de pedra. Installados n'aquelles bancos de uma simplicidade primitiva, os *gallineros*, proprietarios dos gallos, collocavam os contendores em presença uns dos outros, depois de os excitarem soprando-lhes debaixo das azas, e erguiam os luctadores menos felizes no fim de cada phase do combate.

Juanito era um dos mais apaixonados frequentadores das *peleas* de gallos. Os *gallineros* tratavam-

n'o sempre com muita consideração, pelo facto de haver elle transportado do Mexico para ali dois gallos celebres pelas suas notabilissimas victorias, e pelas dos seus descendentes. E por isso, logo que o viram apparecer, apressaram-se a arranjar logares na extremidade de um dos seus bancos para elle e para a sua formosa companheira. Era isto uma gran-

cadeiras, e collocou-as junto de uma das extremidades da meza entre dois bancos.

— Para quem são destinadas essas cadeiras, Antonio? perguntou um espectador.

— Para uns viajantes, creio que de Boston, respondeu o estalajadeiro, que querem ver um combate de gallos, por ser espectáculo a que nunca assistiram.

Na occasião em que o dono da *posada* acabava de pronunciar estas palavras, deram entrada no pateo uma formosa rapariga de dezoito a vinte annos e um homem dos seus trinta, que foram assentar-se nas duas cadeiras. Como n'aquelle momento nenhum campeão emplumado se achava sobre a comprida meza, que servia de arena, os espectadores tiveram



PICCOLA

de distincção para os recém-chegados, visto que todos os outros espectadores permaneciam em pé na retaguarda dos bancos dos *gallineros*.

Todavia, minutos depois da entrada de Juanito e da sua noiva, o estalajadeiro appareceu com duas

— Mas vão privar-nos de ver a *pelea*.

— Não privam, porque hão de ficar assentados...

De mais, como me offereceram duas piastras para lhes arranjar aqui dois logares bons, tenho todo o interesse em os satisfazer.

tempo para contemplar os recém-chegados, e admirar a notavel formosura de *miss Clara Jenkins*, que mais sobressahia ainda por se achar entre os enfezados e rachiticos habitantes da velha povoação de Chagres. O seu companheiro, que tinha por nome

Harry Burdett, era um rapaz gordo e fresco, de uma apparencia extremamente vulgar. Nenhum grau de parentesco o ligava a *miss Jenkins*, como naturalmente poderia suppôr um europeu, que os visse juntos e sós. Acabava de fazer viagem com ella em um paquete de carreira, e continuava em terra a côrte, que começára a fazer-lhe a bordo. *Mistress Jenkins*,

panhadas por um rapaz, sem que ninguém se lembre de ver n'esse facto um qualquer motivo de censura.

— Está satisfeita, *miss Clara*? perguntou Burdett á sua companheira, ao passo que com um canivete recortava um pedaço de madeira, que tivera a precaução de levar consigo, para poder durante o es-

assistir a um tal espectáculo! Estou convencido de que nenhum interesse ha de ter para si, *miss Clara*.

— Embora. Minha prima Mary contou-me que assistira a combates de gallos, e eu não quero que, no meu regresso, ella possa dizer que viu mais coisas do que eu...

Esta resposta puramente feminina pareceu satisfa-



PICCOLO

mãe de Clara, ficára perfeitamente tranquilla no seu quarto.

Taes são os costumes da America do Norte, onde as raparigas solteiras empreendem viagens de duzentas ou trezentas leguas, sósinhas, ou mesmo acom-

pectaculo entregar-se áquella occupação tão favorita dos americanos.

— Estou, sim, respondeu a formosa rapariga. Vejo d'aqui perfeitamente...

— Singular ideia a sua de se incommodar para

toria e naturalissima a Burdett, que proseguiu no seu trabalho de recortar madeira.

No momento em que eram collocados sobre a mesa dois novos combatentes, o estalajadeiro aproximou-se de *miss Jenkins*, e disse-lhe:

— *Senorita*, ainda precisa de um barco para a conduzir a Cruces, como me disse ha pouco?

— Preciso, sim.

— Aquelle rapaz de elevada estatura e com calças bordadas, que além vê assentado no banco dos *galineros* ao lado de uma rapariga, e Juanito Solano, o melhor arraes d'estas paragens. Póde contractar com elle a passagem para Cruces, e nem mesmo terá necessidade de fazer ratificar o contracto pelo *alcade*.

— Bem.

— Quer que diga ao arraes que venha fallar-lhe, *senorita*?

— Não; mais tarde.

O dono da *posada* affastou-se um pouco, e encorparou-se na multidão de espectadores, reunida em volta da arena de combate.

Todos os nossos leitores teem de certo assistido ja uma vez ou outra, em um qualquer pateo ou quintal, a um duello entre dois pretendentes emplumados de uma donairoza gallinha, a qual de ordinario é espectadora indifferente e impassivel da batalha. Essa curta lucta, porém, de nenhum modo póde comparar-se com a de dois verdadeiros gallos de combate, cujas tendencias bellicosas, particulares da sua raça, são notavelmente desenvolvidas por continuos cuidados e por uma educação especial. Ha tanta differença entre a energia de um gallo de combate e a de um gallo ordinario, como entre a ligeireza de um cavallo de corridas e a de um cavallo de carroça.

Cada *galinero* segura debaixo do braço o seu discípulo, cuja cabeça conserva coberta com um panno até o momento decisivo. Logo que se acham organisadas as apostas, os dois campeões são collocados sobre a meza, que serve de arena de combate, e arremessam-se immediatamente um para o outro com a raiva cega de dois cães de fila.

Na primeira phase da lucta combatem unicamente com as suas armas naturaes. Mas, logo que parecem sufficientemente enfurecidos, são agarrados pelos *galineros*, que lhes prendem na perna direita ou esquerda, uma especie de pequena lamina de canivete, cortante como a folha de uma navalha de barba.

É então que começa o verdadeiro combate. De espaço a espaço os gallos interrompem a lucta por um momento, e medem-se com o olhar. Depois, com as pennas eriçadas, ensanguentadas as cristas e os olhos fulgurantes, atacam-se de novo. A meza fica dentro em poucos instantes coberta de pennas, e o sangue de cada um dos dois combatentes corre das profundas feridas abertas pelo bico acerado e pelo terrível esporão do adversario.

Juanito, era como todos os mexicanos, apaixonado por tudo o que era jogo. Não tardou pois a juntar a sua voz á dos apostadores, que arriscavam ali não só o seu dinheiro, como também os seus moveis, as suas redes de pesca, e até mesmo os seus vestuarios.

Feliz na primeira aposta em que entrara, Juanito Solano depressa viu que a sorte lhe voltara. Em muito pouco tempo perdeu uma centena de piastras. Pelo contrario Dionysio Palmano, que chegara pouco antes com Carlo Barista, ganhou só a sua parte dois terços da somma perdida para o seu patrão. Impellido pelo sentimento do ciúme, que entre rivaes transparece nas mais pequenas coisas, tinha apostado quasi constantemente contra Juanito.

No meio da agitação geral e do tumulto, que se seguia a cada victoria, só *miss Jenkins* e o seu companheiro permaneciam impassiveis. Com a cabeça inclinada sobre o peito, e os olhos meio cerrados, Harry Burdett continuava a sua tarefa de recortar madeira, calculando provavelmente os lucros de uma qualquer especulação, relativa ao commercio dos al-

godões. *Miss Jenkins* olhava ora para os combatentes, ora para os espectadores e muitas vezes para Juanito Solano. O trajecto de Chagres a Cruces apresentava um certo perigo n'aquella epoca do anno, e por isso comprehende-se bem que a formosa americana tivesse interesse em examinar o homem, a quem ella e sua mãe, iam provavelmente confiar a vida e os haveres. Talvez mesmo *miss Jenkins*, sem que a si propria quizesse confessar-o, sentisse um tal ou qual prazer em contemplar aquella cabeça altiva e accentuadamente varonil, coroada por uma verdadeira floresta de cabellos negros, e animada pelo loggo expressivo de dois grandes olhos.

Dominado como estava pelas commoções do espectáculo, Juanito quasi nem notara a attenção, de que era objecto. Em compensação, porém, nenhum dos olhares de *miss Jenkins* passára desapercibido da ciumenta Carmen, a qual, como todas as mulheres que amam verdadeiramente, exagerava muito os encantos e qualidades do seu noivo, e via uma rival em cada mulher, que olhava para o esbelto mexicano. De mais a mais, levada pela inconsideração, que é commum a quasi todos os ciumentos, não póde resistir á tentação de fallar a Juanito na sua rival imaginaria...

Apesar do sincero affecto, que consagrava á sua noiva, Solano era homem, e como tal não podia deixar de sentir lisongeado o seu amor proprio com a attenção de uma tão formosa e distincta mulher, como era *miss Jenkins*. Voltou-se pois duas ou tres vezes para contemplar a companheira de Burdett; mas, felizmente para a ciumenta Carmen, que seguia todos os seus movimentos com o mais ardente interesse, as commoções do jogo depressa absorveram de novo toda a attenção do moço mexicano.

Juanito Solano já não possuía mais do que quarenta piastras, das cento e cincuenta que tinha consigo no momento em que entrara no pateo. O ultimo combate ia ferir-se, e os dois campeões, que iam tomar parte n'elle, eram celebres não só pela raça, a que pertenciam, como também por as suas victorias anteriores. Um d'elles era um grande gallo, com as pernas muito altas, e tinha o corpo coberto de pennas vermelhas e amarelladas: chamava-se *Uruguay*. O outro, conherido pelo nome de *Nala*, mais pequeno mas de formas mais regulares e proporcionadas, tinha a plumagem sarapintada de muitas cores, e pertencia a uma raça ingleza de verdadeiros gallos de combate.

Confiando na avantajada estatura e nas victorias anteriores de *Uruguay*, Juanito apostou todo o dinheiro, que ainda lhe restava, contra o gallo inglez. Depressa porém adquiriu a certeza de que se enganara nas suas previsões; o gallo pequeno, ao cabo de poucos minutos de combate, dilacerou com o terrível esporão o peito do seu adversario, que caiu para não mais se levantar.

Na occasião em que Juanito Solano maldizia o desgraçado volátil, que tão mal defendera os seus interesses, e lançava os mais injuriosos epithetos ao gallo vencedor, o dono da *posada* aproximou-se do mexicano.

— Juanito, lhe disse elle: a *senorita* que alem vês assentada, carece dos teus serviços.

— Não, não quero que vás fallar com aquella mulher! exclamou a pobre Carmen, agarrando impetuosamente nas mãos do marinheiro.

— Vamos, *dona Carmen*, tornou o estalajadeiro, não se opponha a que o seu noivo aproveite a boa occasião, que se lhe apresenta, de ganhar de novo uma parte das piastras, que, com tanta infelicidade acaba de perder...

Carmen ficou hesitante.

Infelizmente n'aquelle momento Juanito Solano teve a má lembrança de compôr o vestuario e os cabellos, que haviam ficado um pouco desordenados por effeito dos seus movimentos de jogador infeliz, e tanto bastou para que renascessem com maior intensidade os terrores da ciumenta rapariga.

— Peço-te, suplico-te que não te separes agora de mim... lhe disse ella em tom angustioso.

— Não seas creança, louquinha... respondeu o mexicano. Que necessidade tenho eu de perder esta boa occasião, principalmente agora que aquella gallo de má morte me fez perder tudo o que possuia? Ha pouco ouvi que alguém fallava em cholera, ou não sei em que outra epidemia; e portanto é natural que aquellos yankees estejam já aterrorisados e queiram partir immediatamente. Farei pois o meu preço de baixo d'esse ponto de vista, e apressaremos assim o nosso casamento...

O que Juanito acabava de dizer era perfeitamente rasoavel; mas o ciúme não raciocina... Carmen insistiu; o mexicano porém, ainda sob a influencia das suas tão recentes e importantes perdas, desprende as mãos de entre as da sua noiva com um movimento de impaciencia, e correu a fallar com *miss Jenkins*, que estava observando aquella scena de ciúme com os labios entreabertos em um sorriso de zombaria.

(Continúa)

ROSICLER

GRUPO ANTIGO

Ha em frente ao meu quarto um roble — uma floresta
N'um tronco só; podia ali dormir a sêsta,
A sombra, Adamastor. Uma vide gigante.
A vide era a serpente e o roble era o elefante,
Enroscou-lhe, atirou-lhe os seus braços violentos,
E, subindo e trepando a todos os momentos,
Um seculo gastou para ao alto chegar!
O roble enche um celeiro e a vide enche um lagar.
E de tal modo a vide o carrega, o inunda
Com o peso brutal, co'a riqueza jucunda
Dos festões de verdura opipara e frondosa,
Que eu, nas aureas manhãs de Agosto côr de rosa,
Julgo, por entre o sol e entre as nevoas ligeiras,
Ver Hercules a rir com Baccho ás cavalleiras!

GUERRA JUNQUEIRO.

O nosso eminente poeta Guerra Junqueiro, que ha tanto tempo se conserva silencioso, com grande desprazer dos que amam a boa poesia e admiram o robustissimo talento do grande escriptor, acaba de nos enviar de Vianna do Castello um magnifico brinde. E' essa esplendida poesia que hoje publicamos, um esboço admiravel, um maravilhoso fragmento, que parece um canto perdido da anthologia grega, um friso partido d'algum monumento em que se sintia a mão de Phidias. Os nossos leitores decerto nos agradecerão a dadiça, que lhes fazemos, e que é hoje tanto mais preciosa quanto mais rara está sendo, — um inedito de Guerra Junqueiro.

HORAS DE OCIO

Problema graphico

Desenhar só com tres traços de lapis um muro, uma sentinella e o seu cão.

TENIERS.

Fantasia arithmetica

Decompôr o numero 100 em quatro numeros escolhidos em taes condições, que, juntando-se 4 ao primeiro, tirando-se 4 ao segundo, multiplicando-se por 4 o terceiro, e dividindo-se por 4 o quarto, se encontre sempre o mesmo resultado.

EUCLIDES.

Enigma anagrammatico

As direitas o meu todo
é desprezível, bem sei;
se me invertem, mudo tanto
que ninguém me impõe a lei.

Separado pelo meio,
em dois nomes redivivo,
sendo d'elles o primeiro
verbo e substantivo.

O segundo (como o todo)
é baixo por condição,
deshonra o que tem de usal-o,
transforma o nobre em villão.

MANOEL ANTONIO COELHO ZILHÃO.

Soluções dos problemas do n.º 48

Anagramma — Zabra, Braza, Bazar.

Palavras quadradas:

O M A R
M E L A
A L E M
R A M O

Lexicologia — Acrescenta-se a letra e e formam-se as palavras Cama, Canto, Canço, Cocar, Cella, Lucto, Perva, Secio, Toca, Trincar.

Soluções certas

Palavras quadradas — Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Manoel Antonio Coelho Zilhão, Edipo, Teniers (Santarem), Abilio Cordeiro.

Lexicologia — Botão de Rosa (Evora), Edipo, Acer-tei? (Loulé), Vasco (Coimbra).

Anagramma — Nadéje (Coimbra), Vasco (Coimbra), Dois Estouvados, Monge de Osseiras (Pitões de Júnias), Carmo e Sousa, Abilio Cordeiro.

ATRAVEZ DA SIBERIA

LENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 392)

XXXII

Yegor, o sr. Lafleur e Yermac penetravam successivamente na tenda... Yegor viu apenas a pobre Nadege chorando de alegria. Apertou-a muito ao coração. O sr. Lafleur foi direito ao Kamakay, conservando-se em respeito pelo seu ar decidido; o parisiense tirou as pistolas do cinto, e preperando-se para sustentar uma aggressão, ordenou ao guia que explicasse o motivo, que os trazia ali.

Em quanto separavam Wab da cadella, em que elle já se engallinhara rompendo prematuramente as hostilidades, Tekel tomou a palavra, e annunciou ao chefe, que tinha deante de si os parentes e amigos da joven russa, raptada no cabo Baranoff, e que havia mister entregal-a sem resistencia.

—Mas eu quero-a para minha terceira mulher! jectou o Kamakay.

—Ali está quem vai ser o marido, respondeu o yakut e designando Yegor.

O Kamakay lançou a este ultimo um olhar de desafio, e collocou-se como guerreiro prompto a sustentar a sua causa com as armas na mão.

—Podia mata-lo como um cão, disse Yegor armando-se com uma das pistolas, mas quero aceitar-lhe o desafio. Dize-lhe que avance, accrescentou elle dirigindo-se ao guia.

—Avança, se tens coragem, disse este ao chefe dos telukhtchas.

O Kamakay recuou dois passos — recuou para avançar melhor — manobrando com o bastão de modo que pudesse enterrar a ponta do ferro no ventre de Yegor.

Nadege, veloz como um relampago, desviou o golpe deitando a mão ao pau, em quanto Yegor fazia a pontaria ao adversario.

Mas Yermac interveiu, e levantando a pistola de Yegor, collocou-se entre elle e o chefe indigena.

Desde que o chefe de policia se viu obrigado a seguir Ladislau e os dois guias ao paiz dos telukhtchas, vivia sob esta constante preocupação. Não seria possível aproveitar as relações entre os chefes das tribus indigenas da península e o governo russo, para obter a prisão dos fugitivos, e internal-os até que houvesse meio de os fazer voltar para Yakutsk? Acabou por convencer-se de que era coisa impossível. Por consequencia, ia usar d'esta auctoridade do czar, mais nominal do que efectiva, primeiramente em favor de Yegor e dos seus. Se tivesse um bom exito, os fugitivos teriam de collocar-se á sua disposição. Foi n'este intuito que interveiu.

Quando os adversarios reprimiram o impeto, que os tornava dois rivais decididos a baterem-se, Yermac com o auxilio do interprete Yakute declarou ao Kamakay que a lei russa oppunha-se a que um subdito do czar tivesse mais de uma mulher; e que, por outro lado, o acto violento, de que elle se tornara culpado roubando a senhora, que estava na sua tenda, era merecedor de uma severa repressão.

O Kamakay encolheu os hombros.

Yermac fallou da auctoridade do czar branco, filho do sol, sem conseguir impressionar o selvagem. Este sabia que existia no fim do mundo, do lado do poente, uma grande aldeia — Yakutsk — onde residia um chefe muito poderoso. A sua sciencia politica cifrava-se n'esta vaga noção. Contudo ainda sa-

bia que além do mar, para o lado d'Este, havia negociantes de aguardente, e pescadores de baleias — os americanos, — que possuíam ricos estabelecimentos. No tocante a leis, conhecia apenas as que emanavam d'elle e de seus predecessores, feitas para felicidade da tribu, sobre a qual reinava despoticamente.

Desde a primeira tentativa Yermac percebeu que nenhum auxilio podia esperar do Kamakay. Todavia, como lhe importava — o futuro talvez lhe deparasse occasião mais favoravel — que Nadege não ficasse em poder do selvagem, insistiu vivamente para que fosse restituída ao noivo.

Foi baldado empenho. Então o chefe de policia tentou — ainda por intermedio do interprete, — obter a rapariga em troca de certos objectos capazes de excitar a curiosidade, o orgulho ou cubia do chefe indigena.

Yegor approvou immediatamente, e logo lhe foram offerecidos muitos rublos em papel, uma espingarda, duas pistolas com as competentes cargas, os diches do relógio de Yegor; mas o Kamakay recusou tudo. Obstinava-se em ficar com a formosa branca, de que se propunha fazer um dos mais bellos ornamentos do seu throno.

A situação tornava-se embaraçosa. Nadege derramava lagrimas, que já não eram de alegria. Principiou a dar gritos dilacerantes, e era um espectáculo pungentissimo ver a desolação da encantadora menina, ameaçada de ficar em poder do hediondo Kamakay de nariz chato, pelle rugosa e transudando azeite de phoca.

—Levem-me! exclamava ella a Yegor e ao sr. Lafleur, ou matem-me; porém não me abandonem!

Yegor agitava no espirito o emprego de meios extremos. Lia-se-lhe nos olhos injectados e ameaçadores a resolução, em que estava, de recorrer a tudo para não deixar a noiva nas mãos do selvagem.

De repente o sr. Lafleur, que temia uma scena sanguinolenta, teve uma inspiração. Pegou no tambor dos feiticeiros, e com o ar inspirado de um «chaman» principiou a rufar com toda a força.

—Chaman! disseram as duas mulheres do Kamakay, Nuketu e Kokerjabin.

—Chaman! exclamaram os tres guerreiros da tribu, até então silenciosos.

—Chaman! responderam o Yakyte comprehendendo logo a intenção do mestre de dança.

O Kamakay empallidecera por baixo da pintura, que tinha no rosto, quando ouviu os primeiros sons do tambor, manejado pelo estrangeiro com destreza não vulgar. A intervenção nos seus negocios de um ente dotado de poderes sobrenaturaes, perturbava-lhe a razão.

Depois de rufar bastante no tambor dos chamans, em que tocava com as mãos, com os cotovellos, com os joelhos, com a testa, no meio do pânico e terror dos assistentes, o sr. Lafleur tirou de debaixo das pelles, que vestia, a sua querida rebecca, nunca abandonada por elle apezar de todas as calamidades e provações. Aproveitando a estupefacção da assemblea pela simples vista do instrumento, que parecia ter-lhe sahido do peito como d'uma caixa de rebecca, executou alguns tremolos de sua composição, sentimentaes, phantasticos, irresistiveis.

A cadella principiou a uivar, acompanhada pelo ganir dos cachorrinhos. Nuketu sentou-se no chão, escondendo a creancinha, e parecendo implorar perdão para si e para o filho. A outra mulher do Kamakay imitou-a nos gestos supplicantes. Estas duas infimas creaturas viam já a colera de algum grande Espirito — Tornasul ou qualquer outra Intelligencia

superior — desencadear-se contra ellas por causa da estrangeira, que o esposo queria dar-lhes por companheira e rival.

— Que querem ellas? disse o parisiense a Tekel sem deixar de tocar.

— Pedem perdão, respondeu o guia.

— Que se dirjam ao Kamakay.

Tekel traduziu estas palavras por um signal expressivo. Então as mulheres agarraram-se a Tchekine, decididas, segundo parecia, a não o largarem sem ter obtido o consentimento, que os brancos exigiam d'elle: a restituição da rapariga de cabellos loiros.

Mas o Ramakay persistia na sua resolução. Recusoso de quebrar, sahiu da cabana, levando comsi-

go os tres guerreiros, e pronunciando palavras ameaçadoras.

XXXIV

Era um principio de triumpho para o sr. Lafleur. Este recuperou folego.

Então os fugitivos olharam em torno de si, examinando minuciosamente aquelle horrivel interior, repellente de porcaria, em que Nadege vivera algumas semanas. Dos habitantes ordinarios restavam apenas as duas mulheres do chefe indigena e as duas escravas, umas e outras de todo em todo subjugadas pela ascendencia do chaman estrangeiro, superior a todos os outros.

Os chamans ou feiticeiros, temidos e respeitados

pelos tchuktchas, recrutam-se ordinariamente entre mancebos de espirito fraco, a quem os velhos contam tantas coisas mysteriosas e terriveis, que um bello dia ficam transtornados de juizo. Julga-se que as longas horas de solidão, o frio excessivo, a fome frequente, exercem uma influencia real sobre certas organizações nervosas, e é de boa fé, e sem a minima ideia de exploração, que os novos chamans — sem outra consagração além da sua demencia declarada — se apoderam de um papel espiritual, quasi sacerdotal, n'uma região votada á idolatria, posto que se encontrem lá alguns vestigios de christianismo, muito superficiaes apezar de numerosos.

(Continua)

CORRESPONDENCIA

Gualdim Zoroastro. — Receberam-se e agradecem-se muito os seus excellentes enygmata pittorescos. Não pôde porem fazer o que se faz nos jornaes francezes que teem enygmata, dar-nos a decomposição da solução? Citamos um exemplo. A solução de um enyigma pittoresco é a seguinte:

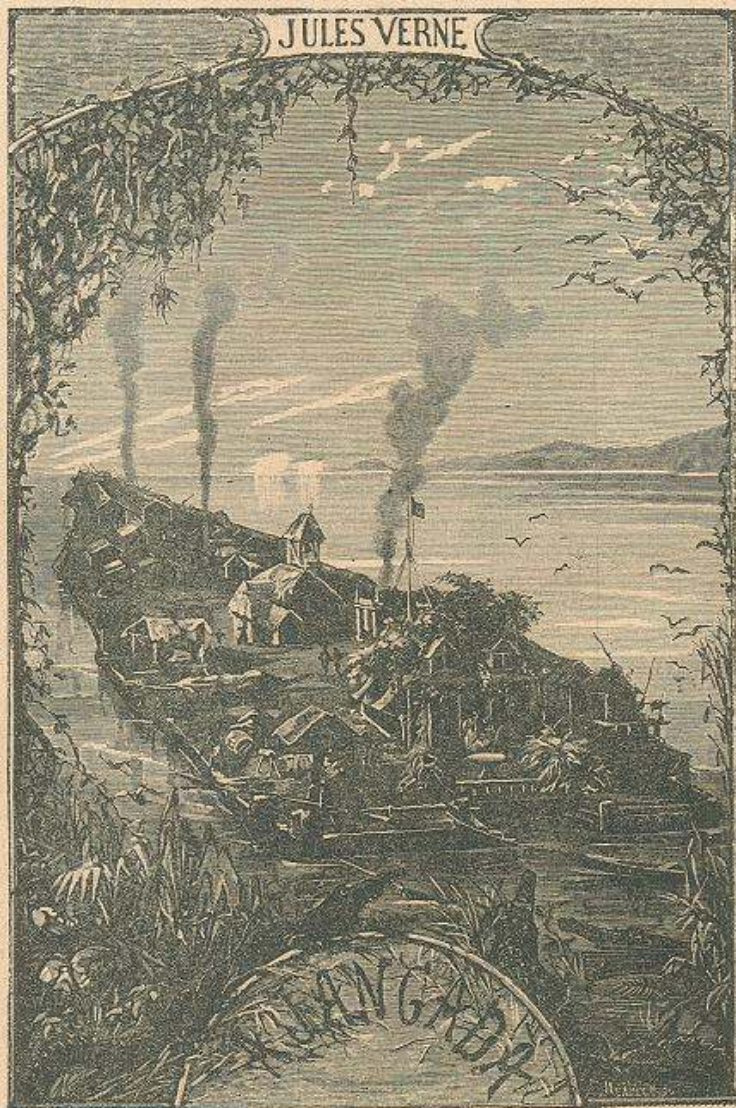
L'amitié, don du ciel, est un bien sur la terre. O jornal publica a phrase-solução, e por baixo o roteiro que os assignantes devem seguir para comprehenderem o modo como se passa das figuras do enyigma para a phrase que encerra a sua chave. No exemplo que citamos esse roteiro é o seguinte:

La-mi-tié-don-dû-sciel-aile-et-hun-bien-sur-la-terre.

É um roteiro semelhante que lhe pedimos para os seus enygmata. Não se encontra á primeira vista, e não podemos gastar tempo a organisal-o, quando o auctor dos enygmata n'um momento o apresenta.

Não terminaremos esta correspondencia, sem lhe agradecer-mos a sua amabilidade, e sem o felicitar-mos pelo seu talento de desenhador, que se revela n'estes quatro traços que brincando lançou no papel.

Hamlet. — Incontestavelmente, nós ao principio suppozemos que o seu pseudonymo era para brincadeira. Hamlet na Mercena! O terraco de Elsenor para os lados de Alemquer! O espectro do velho rei assassinado a passear em Villa-Franca! Era impossivel. Mas depois de termos visto



A JANGADA

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Encarregá-mos uma das principaes officinas de Lisboa de fazer as capas para o primeiro volume do *Jornal do Domingo*. Referim-nos ao magnifico *atelier* de encadernação annexa á casa editora de David Corazzi. Isto equivale a dizer que as capas feitas em percaline vermelha, com enfeites a preto e letras douradas reunirão a um tempo, perfeição, gosto e modicidade no preço que é de

700 RÉIS

Rogamos aos srs. assignantes e aos srs. correspondentes o obsequio de nos dirigirem as suas requisições até ao dia 13 do proximo mez de fevereiro.

Igual pedido fazemos aos srs. assignantes no Porto que devem dirigir-se para este fim á acreditada casa do nosso dedicado agente n'aquella cidade o sr. Eduardo da Costa Santos — Santo Ildefonso.

As despesas de transporte que calculamos em 30 réis por capa não são de conta da empresa. Não serão satisfeitas as requisições que não vierem acompanhadas da respectiva importancia em estampilhas ou vale do correio.

A ADMINISTRAÇÃO